

75. Ainda não temos vacina para estarmos seguros

Nadilson Felipe

Olá! Me chamo Nadilson Felipe, sou indígena da etnia Karipuna, tenho 25 anos, participo do Programa de Educação Tutorial (PET-INDÍGENA) da UNIFAP (Universidade Federal do Amapá) e esse é meu segundo relato. A pandemia trouxe muitas mudanças para dentro do nosso território, afetou muito a nossa vida na aldeia. Sabemos quando começou a surgir os primeiros casos na cidade de Oiapoque, mas não fazemos ideia do dia em que a doença chegou nas comunidades indígenas da região do Uaçá. Digo isso porque não temos testes para saber se a pessoa está com a COVID-19 ou não!

Quando confirmou o primeiro caso na Aldeia Manga muita gente já estava doente, com sintomas da COVID-19, mas não sabiam se era essa doença, alguns não procuravam o Pólo Base de Saúde e também não tinha teste rápido na aldeia. O vírus espalhou rapidamente por toda a aldeia, ao mesmo tempo a gente via nos jornais como a doença aumentava no Brasil e o número de óbitos subindo em cada 24 horas. Nossa preocupação em relação aos nossos idosos também aumentou, para nós eles são nossos livros, dicionários, memórias das nossas histórias, bibliotecas as quais sempre recorreremos...

Eu fiquei muito preocupado porque moro junto com minha vovozinha, tive muito medo que ela adoecesse, porque às vezes tive que sair de casa para comprar nossos alimentos, também saí em busca de informações e comunicação. Na aldeia não temos internet em casa, aliás, tem muitas aldeias que não tem acesso à internet nem energia elétrica. Eu procurava saber notícias da minha família que mora longe, como minha outra avó, Emídia, de 80 e poucos anos. Minha avó Emídia foi para *Cayenne* antes da pandemia em busca de tratamento de uma outra doença e continua na Guiana Francesa porque o vírus fez com que as fronteiras fechassem, por esse motivo minha avó ainda não retornou para a aldeia dela, sentimos muitas saudades.

Minhas duas irmãs ficaram doentes e quem cuidava delas eram meus pais. Elas sentiam vários sintomas, tiveram febre, dor de cabeça, dor no corpo, diarreia, tontura, fraqueza, febre, perderam o paladar. Elas tomaram bastante remédio caseiro, beberam chá de folhas de plantas, xarope de limão, mel de abelha, óleo de andiroba, suco de frutas, banho

de ervas medicinais. Assim, elas foram melhorando, com a graça de Deus meus pais e minha avó até agora estão bem, mas todos nós estamos tomando remédios caseiros para controlar e nos prevenir da COVID-19 e também das outras doenças, como malária, gripe comum e diarreia.

Continuamos usando máscara para proteção, além de álcool em gel e de lavar as mãos com água e sabão. Evitamos usar os mesmos objetos ou materiais e evitamos aglomeração. Nós, indígenas, temos nossos costumes, hábitos, crenças, rituais, cultura, modo de se relacionar uns com os outros e esse coronavírus veio interferir, modificar, desorganizar nosso modo de vida. Nem com o coronavírus nós vamos deixar de cuidar e visitar nossos parentes, nós temos sempre uma união, um modo de agir juntos.

Daqui para a frente creio que vai melhorando devagar, por isso deixo uma mensagem aos meus parentes e amigos, vamos nos cuidar porque a COVID-19 ainda está circulando pelo mundo, ainda não temos vacina para nós podermos nos sentirmos seguros.

Aldeia Manga, Oiapoque, Amapá, Brasil

31 de julho de 2020